

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

O FETICHE DA RIQUEZA E A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

JOSÉ DE PAIVA REBOUÇAS

Escritor e jornalista

josedepaivareboucas@gmail.com



Quem são as pessoas mais poderosas de sua cidade? Pense nos nomes delas. Imagine as imagens delas, a ideia de figura que chega à sua cabeça. Os empresários, os milionários, os políticos e sua claque de aduladores, almas que precisam adorar algum mortal para se sentirem aceitas. Pense nesse povo e responda: você confia nessa gente para construir o futuro de sua cidade, de seu Estado, de seus filhos? Quanto ao futuro, você acredita que eles irão garantir que seja bom para você na mesma condição que será para eles?

A questão aqui é que são essas pessoas que movimentam a vida, como protagonistas dos filmes que você vê. São os “heróis” da vida real, os que são vistos e os únicos que serão lembrados, enquanto você e eu somos apenas figurantes, tanto quanto todos aqueles sujeitos que passam por nós e nunca nos damos conta.

Eu sei o que você está pensando: mas que petulância, eu sou um jornalista, um pesquisador, um pequeno empresário, um empregado público, um professor universitário. Eu sei, nós temos nossa importância, principalmente para nossa família e amigos. Mas, se você não tem de fato o poder, o máximo que você é — que nós somos — é instrumento dessa gente poderosa. Pode parecer estranho, até um pouco deprimente, um tipo de prisão, porém é assim que as coisas são e nada se pode fazer, a não ser tentar viver como um bom coadjuvante.

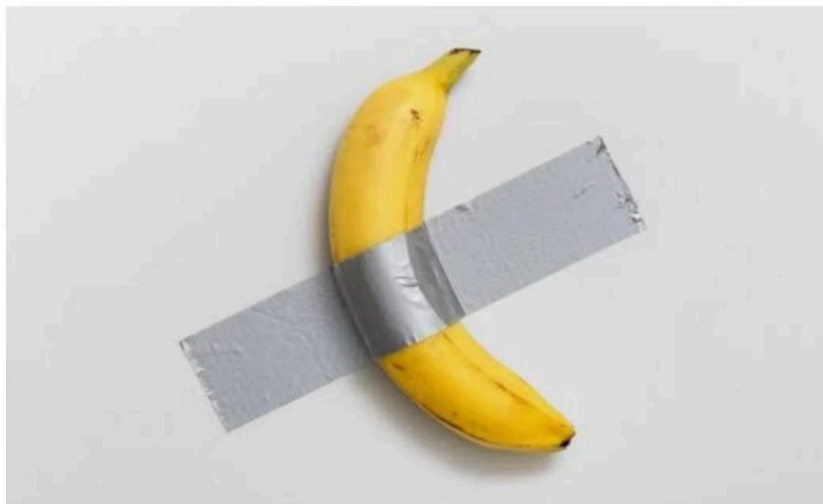
Imagino que, se você for uma pessoa atenta, com dignidade e sabedoria, está pensando nas caras, nos sujeitos — homens e mulheres — e se dando conta de que tem dado importância demais a eles. Talvez até tenha sentido asco ao imaginar as figuras que estão lá no topo decidindo por nós. Suponho também que você pensou nas figuras em nível nacional e estadual, mas não se engane, na

sua cidade tudo passa por eles. São eles que decidem para onde vai a direção do dinheiro e do poder nas demais esferas, mesmo se seu lado político ganhar. Estão enraizados, mesmo não aparecendo, se fazendo de adversários. Estão no jogo, seja indicando pessoas ou ganhando licitações, para não mencionar a podridão e a ressaca.

A necessidade de adoração é uma condição humana, arraigada nos mais frágeis pela imposição do mais forte. A criação de deuses é um delírio cultural. Há os dos “céus”, rodeados de muitos outros, mas muito mais aqui na Terra. É o dono do capital financeiro, o político que está lá há gerações, o sujeito que é bajulado pela imprensa como exemplo de poder; são os mitos, os pseudo-imperadores, o bilionário que não toma sol e patrocina ditaduras. Assim como na Índia, no Brasil há um deus para cada desejo, alguns que beiram a bizarrice sexual.

Sinto-lhe dizer que seu voto não importa neste cenário. Seu doutorado, seu concurso público, seu grau de parentesco, sua sorte de ganhar na Mega-sena, nada disso importa. O poder é hereditário e restrito. Quantos habitantes tem sua cidade: 30 mil, 300 mil, 700 mil? Quantas linhas você precisa para enumerar os ricos influentes, aqueles que ou têm milhões suficientes para deixar para os netos ou têm tanto poder que você não imagina outro dando ordens? Quantos você consegue contar? Se você ficar milionário hoje, vai tomar o poder ou o prestígio deles? Quantas pessoas vão admirá-lo na mesma medida?

Mas não se estresse, pensar sobre isso não muda nada em sua vida, embora tornar-se indignado com essa desigualdade e deixar de adular ricos fosse um grande avanço humano. O Reino Unido estabelece muito bem essas linhas de poder, e a maioria vive como súditos há milhares de anos. Des-



de 3.500 anos antes da Era Comum se tem notícia de reis naquele lugar. Ainda hoje o povo paga impostos para manter uma linhagem inteira de nobres, milhares de pessoas além do rei, príncipes, duques, condes, viscondes, barões. Queriam os poderosos de sua cidade ser chamados assim também, mas, geralmente, só são chamados de “doutores”, não por terem doutorado — a maioria não tem tempo para o conhecimento formal —, mas por serem bacharéis em medicina, direito ou só porque são ricos. O político é o rei; o vereador, o duque; o secretário, o conde; o médico é o barão, e você é o servo.

Por que estou comentando isso? Talvez porque eu queira. Talvez porque estou incomodado com pobres defendendo sonegadores de impostos, olhando para os políticos nacionais como se fossem a raiz de todos os problemas, enquanto ignoram quem realmente manda em sua cidade. O sujeito reclama que ganha pouco no Brasil, e ganha mesmo, no entanto acredita que toda culpa recai unicamente sobre Brasília (que tem grande culpa), sem notar os formandos municipais, aqueles que decidem o rumo do dinheiro e do poder na esfera local. Essa cegueira conveniente faz com que continuem elegendo e reverenciando os mesmos de sempre, perpetuan-

do o ciclo de influência e submissão. Só quando se percebe que o verdadeiro poder começa no município, que a luta precisa partir dali, é que se pode ter alguma voz, ainda que sendo súdito.

Memória histórica, consciência de classe e interpretação de texto são as três necessidades básicas do brasileiro médio contemporâneo. Memória histórica para entender que tudo o que vivemos hoje é consequência de processos que começaram muito antes de nascermos; consciência de classe para perceber que os interesses de quem está no topo nunca coincidiram com os nossos, por mais que tentem nos convencer do contrário; e interpretação de texto para decifrar as mensagens que nos bombardeiam diariamente, mascarando a realidade e perpetuando a lógica de poder.

Pense bem: quantas vezes você viu um poderoso, desses que dominam sua cidade, sofrer as consequências de suas escolhas? Quantos deles ficaram mais pobres, menos influentes ou simplesmente perderam relevância por uma decisão que tomaram? Agora, compare com quantas vezes você, seus amigos, sua família e seus vizinhos pagaram a conta por erros que nem sequer foram de vocês. O sistema é desenhado para proteger quem já está no topo, enquanto nós mantêm ocupados com a luta

diária pela sobrevivência.

É claro que isso não significa que devemos desistir, sentar-se e aceitar tudo passivamente. Mas a mudança não virá com um salvador da pátria, nem com promessas de grandes revoluções. Ela começa nos pequenos gestos, no fortalecimento da comunidade, no apoio mútuo e, acima de tudo, na compreensão de que, enquanto continuarmos exaltando os “deuses terrenos”, estaremos perpetuando um ciclo que só favorece quem já detém o poder.

Não se trata de utopia ou de acreditar que um dia todos seremos iguais em oportunidades e condições, porém de reconhecer que a adoração ao poder e à riqueza é o combustível que mantém a máquina girando. Enquanto formos meros figurantes na história, continuaremos sendo explorados, manipulados e descartados.

A solução, se é que existe, começa por enxergar além das aparências, questionar as narrativas impostas e, sobretudo, valorizar o que nos pertence: nossa história, nossa cultura, nosso lugar no mundo. É um caminho difícil, sem dúvida, mas é também o único que pode nos libertar da condição de súditos voluntários. Talvez não mude nada lá fora — os poderosos continuarão poderosos, isso é fato —, mas transforma tudo dentro de nós.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685